

A EVOLUÇÃO DO EMPREGO TERCIÁRIO EM FRANÇA

L'Emploi du Tertiaire ⁽¹⁾ é uma obra onde se reúnem as contribuições de vários autores para uma análise da problemática da evolução do emprego no sector do terciário, em França, nos anos 1970-80.

Partindo duma visão global, centrada na dinâmica e heterogeneidade das transformações do emprego no terciário, os autores procuram pôr em evidência, logo desde o início do livro, as variações que consideram chaves para a explicação dos comportamentos diferenciáveis de ramo para ramo deste sector. Assim, existem quatro aspectos determinantes na evolução dos efectivos dos serviços que devem ser tidos em conta: a natureza do produto ou serviço, as técnicas disponíveis, o papel dos poderes públicos e as estratégias dos parceiros sociais.

A *natureza dos produtos* fornecidos pelos serviços desempenha uma acção muito importante na evolução do emprego. Em princípio, a actividade de serviços caracteriza-se pela existência de um contacto mais ou menos personalizado entre o fornecedor e o utilizador. Este facto leva à necessidade de expandir os efectivos de emprego para aumentar a produção do serviço. Todavia, em determinados ramos é possível, através

⁽¹⁾ MICHEL VERNIÈRES, Coord. (1985) — *L'Emploi du Tertiaire*, Paris, Economica.

da mecanização e informatização de certas funções, aumentar a produção sem reflexos nos níveis de emprego, mas tendo como contrapartida a perda do carácter pessoal do contacto entre o utente e o fornecedor. De facto, a estandardização e racionalização dos serviços parece não levantar grandes problemas em ramos como a banca, mas a perda do contacto personalizado não é possível em ramos como o da saúde que se baseia no «saber pessoal». As diferentes naturezas dos serviços implicam, assim, comportamentos em termos de efectivos de emprego diferentes. Todavia, começa a ser nítido o apelo, na publicidade, de determinadas empresas de ramos já com elevados níveis de estandardização de serviços, à manutenção do carácter personalizado como garantia da qualidade do produto. Mesmo em Portugal tal já é visível na publicidade de certas entidades bancárias e de algumas companhias de seguros.

As *técnicas disponíveis* dependem muito de ramo para ramo em consequência da própria natureza do serviço a fornecer. Todavia, a revolução informática é apresentada como um conjunto de técnicas susceptíveis de transformarem radicalmente as estruturas de emprego no terciário e de as aproximarem do modelo dominante no sector da indústria. Esperam-se assim grandes modificações nos modos de divisão e de organização científica do trabalho. Modificações que são já patentes na modernização das estruturas de produção de determinados ramos, onde o crescimento da intensidade em capital, correspondente à penetração acelerada de novas tecnologias, resulta, por um lado, em altas taxas de investimento, desenvolvimento do volume de produção, crescimento da produtividade do trabalho, mas, por outro, conduz também à redução do ritmo de evolução do emprego e a alterações na sua estrutura. Simultaneamente assiste-se a uma concentração quer dos efectivos de emprego quer do volume de actividades em grandes empresas, não apenas nos ramos onde as modificações técnicas são mais nítidas, como os serviços financeiros e as telecomunicações, mas também no comércio a retalho não especializado e nos serviços de consultoria.

Por outro lado as características do emprego alteram-se. A par da redução do emprego não assalariado (desaparecimento de trabalhadores por conta própria, de trabalhadores não remunerados e de pequenos patrões), mantém-se o crescimento e conseqüentemente a forte feminização dos efectivos do emprego terciário (a divisão do trabalho implica a criação de numerosos empregos não qualificados que podem ser ocupados por mulheres).

O *papel dos poderes públicos* em França foi determinante em vários aspectos para a evolução do emprego terciário. Por exemplo, no campo da regulamentação, as leis de protecção ao pequeno comércio permitiram a desaceleração do seu desaparecimento e o crescimento do número das pequenas unidades especializadas. Mas é o estatuto público do pessoal de determinados ramos como a administração geral, a segurança social, o ensino, os correios, as telecomunicações e os hospitais públicos, que maiores implicações têm no progresso dos efectivos do conjunto dos serviços.

O emprego público terciário representava cerca de um terço do emprego dos serviços e 16,3% da população activa da França em 1979. Caracterizando-se por um crescimento bastante regular, desde a década de trinta, apresenta uma certa insensibilidade às modificações da conjuntura económica, parecendo assim deter um carácter autónomo em termos de evolução, não sendo afectado pela crise dos últimos anos. Por outro lado, apresenta um modo de gestão diferente dos outros sectores, com desníveis em termos salariais em relação às actividades privadas, mas com contrapartidas não monetárias como a garantia de emprego e a liberdade de expressão política e sindical. Todavia, será de esperar, segundo os autores, que nos próximos anos haja uma desaceleração da tendência de crescimento do emprego público terciário. De facto, o choque provocado pela crise actual deverá ter reflexos na restrição dos financiamentos públicos e implicações em termos de mudanças tecnológicas, como é o caso da informatização de certos serviços públicos. Deste modo a evolução autónoma do emprego público terciário parece estar a ser posta em causa.

As *estratégias dos parceiros sociais* vão marcar também a evolução dos efectivos no sector dos serviços. Os confrontos entre as diferentes organizações do patronato, dos assalariados, dos trabalhadores independentes e dos próprios poderes públicos vão condicionar o emprego em determinados ramos, como por exemplo aconteceu no sector da saúde. Os poderes públicos, com o surgimento de dificuldades financeiras, pretenderam levar a cabo modificações no sentido da retracção do emprego, mas as fortes organizações sindicais impediram as transformações e o sector da saúde continua a ser um dos que apresenta maiores níveis de crescimento dos efectivos.

Na segunda parte do livro os autores analisam com maior pormenor a evolução do emprego em determinados ramos considerados característicos pelo comportamento específico em relação a cada uma das variáveis chaves que haviam já definido. Assim, quanto ao carácter limitativo da natureza do serviço fornecido, o exemplo utilizado é o do ramo dos espectáculos, onde as tentativas de standardização e racionalização dos espectáculos ao vivo levaram ao surgimento de *novos produtos* como a televisão, o disco e o cinema, com as implicações de todos conhecidas quanto aos níveis do emprego.

Relativamente às modificações resultantes das técnicas disponíveis, o ramo que serve de exemplo é o sector financeiro onde as estruturas de emprego têm vindo a ser profundamente transformadas com a introdução da informatização. Em consequência desta assiste-se à redução das taxas de crescimento dos efectivos e ao aumento dos níveis de desqualificação da mão-de-obra. Todavia, as organizações profissionais têm vindo a actuar procurando, deste modo, inflectir a evolução.

O sector da saúde é utilizado como exemplo para pôr em evidência, por um lado, o papel dos poderes públicos e, por outro, as estratégias das organizações profissionais.

Para os autores, por detrás da especificidade de cada ramo, aparece a mesma tendência para a *racionalização*, tanto mais que existe um

estreito paralelismo entre as evoluções encontradas e as que se registaram na indústria. «Dans leurs grandes lignes, ces évolutions sont tout à fait comparables à celles enregistrées et souvent analysées pour l'industrie. Une certaine unité d'ensemble de notre système économique apparaît ainsi au niveau des branches structurées du tertiaire» (p. 160).

Todavia, o paralelismo com a indústria não é possível para o conjunto total do terciário, na medida em que uma grande parte dos serviços é assegurada por um sector não estruturado em ramos. Esta situação constitui para os autores um dos aspectos mais específicos do sector dos serviços. Torna-se, assim, necessário ter em conta, a par do emprego no terciário de mercado e do emprego público terciário, o trabalho utilizado pelo terciário não estruturado. Este caracteriza-se por utilizar predominantemente trabalho voluntário e trabalho doméstico. Contudo, o sector associativo apresenta uma crescente capacidade empregadora, o que é possível detectar pelo crescimento no seu interior do trabalho assalariado.

O terciário informal, como pode ser designado, surge por um lado como forma de remediar a fraca produtividade de certas actividades de serviços que, produzidas no contexto da economia de mercado, atingiriam preços proibitivos, impedindo um consumo generalizado. Por outro lado, o terciário informal pode constituir-se no meio gerador de novas actividades que, ao assumirem determinados níveis de desenvolvimento, podem passar a ser desempenhadas pelo sector do terciário de mercado. Um bom exemplo desta última situação é a evolução histórica do sistema hospitalar, desde a instituição de caridade até à empresa altamente lucrativa de hoje.

Um capítulo para o qual pretendemos chamar particular atenção é o que foca o problema da localização do emprego do sector terciário. Até 1975 assiste-se ao franco crescimento do terciário em todas as regiões, permitindo atenuar determinados contrastes na medida em que as regiões mais desenvolvidas perderam algum do seu peso relativo em favor das mais desfavorecidas. Contudo, as actividades terciárias estão longe de se repartirem igualmente por todo o território e continuam a caracterizar-se por acentuada polarização. Os níveis de concentração são também muito variáveis de ramo para ramo.

De facto, as actividades de serviços que surgem particularmente ligadas ao desenvolvimento económico e urbano apresentam um padrão de localização nitidamente mais concentrado quando comparado com o de outros ramos. No primeiro caso temos os seguros, a banca e os serviços de consultoria às empresas; na segunda situação surgem os serviços do Estado, as colectividades locais, as telecomunicações, os transportes terrestres e acção social. No entanto deve-se salientar que estes são quase independentes do contexto económico e estão directamente submetidos às decisões dos poderes públicos.

Outro aspecto a ter em conta na localização é o efeito que poderá ter a introdução de novas técnicas. Nuns ramos será de esperar que a melhor e mais fácil circulação da informação vá permitir uma dispersão do emprego pelo conjunto do território. Mas noutros sectores

deve-se antever uma forte concentração espacial em função da disponibilidade de mão-de-obra por qualificação, tal como já aconteceu na indústria.

Todavia, para os autores, a grande característica do emprego terciário é o facto dele ser induzido, por um lado, pelas outras actividades produtivas e, por outro, pela repartição territorial da população. Deste modo, a evolução da localização do terciário depende sobretudo da evolução dos aspectos que o induzem. Ora, como a crise dos últimos anos assumiu particular destaque no estrangalar do crescimento da indústria, os serviços induzidos por esta foram também os mais afectados. Como reflexo deste facto temos que a expansão do emprego no terciário foi mais lenta nas regiões mais desenvolvidas e mais industrializadas. Em contrapartida, foram as áreas rurais aquelas onde os efectivos do terciário mais aumentaram. As perspectivas quanto ao futuro não são as mais animadoras nestas áreas. Os ramos de serviços ligados à indústria têm as mesmas dificuldades dos das grandes metrópoles, os ramos ligados aos consumos das famílias têm as possibilidades de expansão ameaçadas, pelo crescimento dos rendimentos destas ser relativamente baixo e, conseqüentemente, a proporção das despesas com serviços ser fraca; por fim a política geral de retracção do emprego público terciário parece ser cada vez mais evidente nas intenções dos políticos. Perante este quadro tão negro os autores pensam que será impossível uma estratégia de emprego para sair da crise baseada unicamente na expansão do emprego. «Toutes les prévisions effectuées (...) montrent que en l'absence de correctifs politiques, le tertiaire n'est plus à même de compenser la regression de l'emploi industriel» (p. 209). Com a vitória das forças conservadoras em Março de 1986 será de esperar que «correctivos políticos» não venham a surgir e que o desenvolvimento da ideologia antiestatista tenha rapidamente reflexões negativas na evolução geral do emprego, quer no terciário quer nos outros sectores de actividade.

Esta obra caracteriza-se por um rigor esquemático que facilita a compreensão da perspectiva com que os autores vêem a problemática da evolução do emprego no terciário. A principal crítica que se pode levantar resulta precisamente da perspectiva com que é feita a abordagem. De facto, os autores pretendem transpor para o sector dos serviços as teorias da «industrialização» da sociedade, dando particular atenção ao crescimento do recurso a capital produtivo e à concentração da produção no terciário, deixando para segundo plano aspectos tão importantes como a dinâmica das pequenas unidades ou o desenvolvimento do sector informal no terciário.

Não pretendendo para o terciário um desenvolvimento autónomo das restantes actividades, torna-se no entanto necessário não perder de vista as características específicas que perduram no sector e que muito dificilmente serão superadas. O facto de na maioria dos ramos do terciário se manter o contacto directo entre o fornecedor do produto e o utente, leva a que seja impossível deixar de ter em conta o aspecto essencial do relacionamento entre pessoas, que caracteriza as actividades do terciário. Daqui resulta que, apesar de todas as modificações que

os autores apontam serem no sentido de aproximar as estruturas de emprego e produção do terciário, das que se observam na indústria, é com certa decepção que os autores mostram, ao longo do livro, que os ganhos em termos de produtividade do trabalho são extremamente reduzidos.

TERESA ALVES PEREIRA